

Portugal e o Japão:
Armando Martins Janeira e Wenceslau de Moraes,
duas personalidades humanas diferentes

Ingrid Bloser Martins

Quando Alexandre, o Grande, avançou até ao Vale do Indo, pondo Este e Oeste em contacto pela primeira vez, levou consigo os artistas e os homens de letras da sua corte que transmitiram às novas gerações a arte do saber helénico. Nasce assim a chamada escultura de Gândara que atinge o pico da sua beleza no primeiro século da era cristã. Esta escola de arte alastra-se então por toda a Ásia, desde o Tibete ao Japão, evidenciando-se em estátuas e baixos-relevos que ilustram a vida e a encarnação de Buda.

Atrevo-me a comparar este facto com a chegada dos portugueses ao Japão – os primeiros ocidentais no país do sol nascente – e o seu desejo de expansão da cristandade, que é levada aos mais longínquos recantos do mundo.

Todos estes acontecimentos acabaram por mudar profundamente a História, e é essa aliás a opinião actual dos japoneses, a que não é alheio o lançamento da primeira bomba atómica no Japão.

O Oriente ocupa um lugar muito específico na história cultural de Portugal desde o século XVI. Para os missionários jesuítas, com destaque para João Rodrigues e Luís Fróis, e para os escritores, nomeadamente Fernão Mendes Pinto e Luís de Camões, assim como Wenceslau de Moraes e Camilo Pessanha, o Oriente era o tema da sua preferência. No entanto, entre os escritores portugueses que viveram no Oriente, foi Wenceslau de Moraes o único a conseguir transmitir ao Ocidente a sua experiência e o seu profundo conhecimento das culturas asiáticas. Ele foi talvez o primeiro ocidental que teve a coragem de ir viver entre orientais, como um oriental, e tão-somente pelo gosto gratuito de viver, sem uma profissão, e sem o objectivo de vir a lucrar com as diferenças entre as duas civilizações.

Para Wenceslau de Moraes, o sistema político e social europeu tinha perdido o sentido fundamental da vida. O Ocidente via-se despojado de ideais e pureza. Só já tinha para oferecer aos homens alguns áridos sistemas e teorias sem essência que não satisfaziam as suas ansiedades. A este respeito, Martins Janeira escreveu: «Wenceslau de Moraes foi, como homem, um rebelde. A sua revolta contra a civilização ocidental era como que uma fome de atingir uma plenitude humana que as lacunas desta civilização não podiam satisfazer.»

É curioso eu pronunciar-me hoje sobre Wenceslau de Moraes. Na verdade, ele surgiu na minha vida no Japão, poucos meses depois da minha chegada a Tóquio com o meu marido, Armando Martins Janeira, aonde este se deslocava uma vez mais, na altura como embaixador de Portugal.

Eu já tinha lido algumas obras de Wenceslau de Moraes, com o desejo de conhecer melhor o real mistério do Oriente, quando me convidaram para descerrar um busto dele em Kobe. Depois de conhecer a sua obra, nela descobri realmente um jardim vicejante, cheio de cor, vivo e intensamente atractivo.

O japonês, rico ou pobre, põe na sua vida diária requintes de uma arte e de um gosto totalmente ignorados no Ocidente. Existe no Japão uma vivacidade que muito poucos países conhecem, e nenhum povo vive certamente com tanta serenidade e paz de espírito. É a este valioso contraste que não se consegue resistir – foi a ele que Wenceslau não resistiu.

Tal como os seus antecessores do século XVI, este português também foi um explorador do desconhecido. Nascido em Lisboa, em 1854, Wenceslau era marinheiro, e navegou pelos mares da Ásia e de África. Penso que para um marinheiro o mar é o seu elemento. É no mar que ele se sente mais ele porque o mar move-se, porque as águas fluem, porque o oceano o leva sempre a alguma parte onde não está aquilo que procura. Por isso, também o leva mais longe. Aliás, o mar e a distância, a saudade da terra, têm sido a maior fonte de inspiração dos portugueses.

Wenceslau de Moraes visitou o Japão pela primeira vez em 1888. Gostou muito do país, especialmente das japonesas, o que não surpreende. Dez anos mais tarde,

regressou, decidido a ficar. Nomeiam-no Cônsul em Kobe. É nesta cidade que Wenceslau conhece uma japonesa muito bonita chamada O-Yoné – o que traduzido literalmente significa “Senhora Bago de Arroz”. De acordo com os autores japoneses, Moraes desposou O-Yoné seguindo os rituais xintoístas.

Sabe-se que ele gostava muito de O-Yoné e que com ela foi muito feliz. Viveram juntos até 1912, ano em que O-Yoné sucumbe a um ataque de coração. Moraes teve um grande choque, mas, atraído como estava pelo Japão, resolveu, poucos meses depois, seguir o rito japonês e levar as cinzas de O-Yoné para Tokushima, e aí permaneceu.

Contudo, a vida é algo transcendente. Diz um grande autor clássico japonês que o maior interesse da vida reside no imprevisto. Neste caso, o imprevisível era uma outra japonesa, Ko-Haru – “Pequena Primavera” –, sobrinha de O-Yoné e quarenta anos mais nova do que Wenceslau de Moraes. Wenceslau propôs casamento a Ko-Haru, ao que ela respondeu, muito à maneira japonesa: «Se a minha mãe consentir...» Também Ko-Haru adoeceu e, minada pela tísica, acabou por morrer quatro anos depois de O-Yoné, com apenas vinte e três anos de idade. Este foi um momento do mais profundo sofrimento que dividiu realmente a obra de Moraes.

Senti-me feliz quando há doze anos, na minha oitava visita a Tokushima, terra adoptiva de Wenceslau de Moraes, atravessei as principais avenidas, iluminadas por milhares de lanternas de papel colorido, colocadas à porta das lojinhas, o que ainda hoje lhe dá o ar fantástico de uma cidade permanentemente em festa. Foi este o palco dos amores tristes de Wenceslau, e do seu isolamento voluntário. É também Tokushima que guarda as suas cinzas. Tive o prazer de ainda encontrar recordações do escritor português. O *seu* Japão permanece imutável.

Depois da publicação de *Dai-Nippon*, a obra de Wenceslau de Moraes nunca será ultrapassada. No seio de um dos mais avançados povos da Terra, que se entrega a ocupações espirituais e estéticas, surgia então, subitamente, um novo entretém – um verdadeiro escritor, um dos grandes prosadores da língua portuguesa.

O japonês vive hoje, mais do que ontem, em dois mundos: o mundo do Oriente e o mundo do Ocidente. Alimenta-se de duas culturas: tem duas pinturas, duas músicas,

duas cozinhas, dois géneros de desportos, em suma, dois géneros de vida. E mais – vive em dois planos temporais, no passado e no presente: a par de um teatro mais de vanguarda, conserva o teatro tradicional – *nô*, *kyogen* e *kabuki* –, representado como há três ou quatro séculos.

A obra variada de Moraes sobre história, arte, costumes e a alma japonesa distingue-se pela sua rara originalidade, e em muito contribuiu para desenvolver um diálogo luso-japonês, durante a transição do século XIX para o século XX. Apesar de o “japonesismo” ser uma criação portuguesa do século XVI, a verdade é que o Japão, a nível literário, é revelado em Portugal através da obra de Moraes.

O amor de Wenceslau de Moraes pelo Japão foi um autêntico *coup de foudre*. Disse ele: «Cheguei ao Japão. Amei-o em transportes de delírio, bebi-o como se bebe um néctar...» A sua impressão era a de ter encontrado «o povo mais simpático talvez do mundo inteiro (...), as mulheres mais gentis, mais graciosas, mais encantadoras.» Mas não só. Moraes era ainda muito dado ao estudo das ciências naturais, a ponto de um dos seus amigos mais íntimos dizer que o que ele mais apreciava na vida «não era propriamente o contacto dos homens, mas sim o dos seres “inferiores”».

Assim, podemos compreendê-lo quando lemos: «Fui esta manhã ao meu jardim. Entrei como se entrasse numa igreja, religiosamente.» Era um homem que entrava na natureza, religiosamente, com um total respeito pelas flores. Escreve ele, mais adiante: «Manhã triste, quebrei a haste de um lírio.» Só um homem com esta extraordinária sensibilidade é capaz de apreender as extremas subtilezas da vida social e do ser humano, em geral, e do japonês, em particular.

Constatamos que é precisamente em Kobe que Wenceslau de Moraes escreve *O Culto do Chá*, um livro extremamente interessante sobre a arte do chá, e onde está contida toda uma essência poética e mística que nos abre as portas para que conheçamos os japoneses.

Durante os trinta e dois anos que viveu no Japão, Moraes escreveu regularmente. Do primeiro até ao último livro, o seu caminho foi longo. O autor fez uma aprendizagem penosa, mas útil. Toda a sua obra desta época trata um único tema: o Japão.

Além de ter sido um romântico de grande sensibilidade, Moraes foi acima de tudo um amoroso. Mas se não fosse o eterno feminino, de mãos dadas com o arrebatamento da paixão, do ciúme e da saudade que a alma de Moraes foi capaz de sentir, experimentando também o sofrimento, sabe-se lá se ele teria produzido a obra que nos deixou. Segundo a “estética passional” de Wenceslau de Moraes, a saudade é a verdadeira força criadora no processo artístico – «não é um sentimento negativo, desintegrador; é um sentimento positivo e criador...», como se de um verdadeiro culto se tratasse e ao qual presidisse o mais puro idealismo.

Moraes testemunha que sem a solidão nada se faz. Na verdade, nunca ninguém está completamente só. A solidão tem de ser provocada: escrever é defender a solidão em que se está, e é a partir desse alheamento que a escrita se torna possível, pois ela acontece através da repressão e do despojamento. Assim Moraes acaba por escrever *O Bon Odori em Tokushima* – integrando-se na própria cidade como se fosse japonês – , e *O-Yoné e Ko-Haru*, sob a forma de um diário íntimo ou livro de impressões. As duas obras são classificadas pelo autor como exemplos da antiga literatura nipônica, *nikki*. Este é o gênero mais fecundo da literatura japonesa, considerado por Moraes como a jóia literária mais preciosa da época Heian.

Wenceslau de Moraes ia buscar forças à recordação viva dos seus amores desaparecidos, O-Yoné e Ko-Haru, e cultivava carinhosamente a saudade que sentia por estas duas mulheres. Todos os dias ia rezar junto dos túmulos de ambas. O-Yoné aparecia-lhe em sonhos, a sorrir. Uma noite, ao regressar a casa, não era capaz de dar com o buraco do cadeado que tinha na porta. Um pirilampo aproximou-se para lhe dar luz. Seria o espírito de O-Yoné ou o de Ko-Haru a velar por ele?

Escolhi precisamente o trecho que relata esta cena para espelhar a sensibilidade requintada e o amor infinito de Moraes pelas duas mulheres da sua vida e pelo Japão. Diz o escritor:

«Mas ponhamos de parte estas recordações de melhores tempos. Depois de percorrer as ruas animadas de Tokushima, eis-me entrado no bairro quieto, quase aldeia, que avizinha o meu casebre. Pouco após, é a minha própria rua, esta absolutamente solitária, mergulhada em trevas e em silêncio. Já todos dormem, os

seus escassos habitantes; e raro será o transeunte, munido de lanterna, como é costume por estas noites sem lua e sem estrelas, que venha perturbar, com o ruído dos seus passos, a paz habitual deste lugar.

Agora, chego à minha porta. Busco nas algibeiras a chave do cadeado protector, que me garante das possíveis visitas dos ladrões. Encontro a chave; mas, cego pelas trevas, maldisposto pelo desconsolo em que me sinto, pelos embrulhos que me pesam, pela fadiga que me enerva, pela chuvinha que me molha, multiplico-me em tentativas, prodigalizo-me em manejos, sem conseguir dar com o buraco do cadeado e abrir a porta. Assim se passam uns minutos, que bem longos me pareceram e me iam levando quase ao desespero. Então, de dentro da rama espessa da árvore única, um carvalho, que se ergue robusto e vicejante mesmo à entrada do casebre, a luzinha azulada de um pirilampo surdiu e começou a volutear cerca de mim; tão próximo das minhas mãos e do cadeado, que me permitiu sem custo servir-me da chave eficazmente, podendo penetrar em minha casa.

Abençoado insecto, que veio assim, na ampla curva do voo casual, tão gentilmente beneficiar-me!... Casual? E porque não premeditado?...

Ponho-me agora a divagar em estranhas conjecturas. Nesta grande cidade de Tokushima, que conta cerca de setenta mil habitantes, duas únicas criaturas, ninguém mais, duas mulheres indígenas, filhas do povo, da mesma família, tia e sobrinha, O-Yoné e Ko-Haru, seriam capazes, se ainda existissem, de se dar à incómoda tarefa de virem de longe, arrastando as sandálias pela lama, lanterna de papel transparente suspensa dos deditos, para alumiar o meu caminho e facilitarem-me a operação de abrir a minha porta. Mas estas duas criaturas já não podem vir aqui, jamais aqui virão; já não existem; morreram; morreu primeiro a tia, depois a sobrinha, num intervalo de quatro anos. Vi-as eu, ambas, jazerem frias, descoradas, sobre as colchas dos seus leitos, como hastes de plantas mimosas, que duas rajadas de tempestade houvessem cortado cerce, brutalmente. Não, já não podem vir aqui, jamais virão aqui. Quanto ao insecto, atribuir-lhe simples intenções benévolas a meu respeito, seria disparate. No entanto, aquele insecto... Não são os Japoneses que crêem que os seus mortos podem voltar à Terra, encarnados noutros corpos, uma ave por exemplo, um insecto por exemplo, embora conservando reminiscências afectivas de suas existências anteriores?...

Após esta última interrogação, que o meu espírito a si próprio se fizera, senti não sei que angústia pesar tão duramente, que me estacou de súbito as pulsações do coração. Foi um momento apenas. Em seguida, mais sereno, não pude conter estas

palavras: “Será O-Yoné?... Será Ko-Haru?...” A frase soltou-se-me a meia-voz dos lábios trémulos, unvida de amargura, e então, fitando o espaço negro, ainda distingui, longe porém, a rutilância exígua do insecto, como uma estrela pequenina, que subisse, que subisse em curvas serpentinadas, até alcançar o firmamento!...»

Moraes entrava por fim na delicadeza da vida japonesa, atingindo a serenidade de espírito.

Só o Oriente conserva ainda o mistério e o encanto deste estádio que pode ser visto como uma fonte de consolação para um homem solitário. O escritor descreve a sua casa e o seu jardim, fala do amor pelas suas plantas ou acerca da vida das pedras. Explica que os japoneses atribuem a estas valores e sentimentos como tristeza, alegria, amizade, arrogância, carácter e, naturalmente, uma alma. Tudo o que faz parte da Natureza, até mesmo o «mistério da gota de água que entenece os olhos atentos que a contemplam, sugere-nos não sei que ideia de pureza, de candura, de paciente submissão à fatalidade das leis da Natureza». Moraes escuta a conversa sem fim dos insectos, uma conversa «infantil, sem dúvida» e compara-a com a palavra japonesa *shaberie* (tagarelar) que sugere uma espécie de murmúrio a sair da boca das mulheres.

Na descrição do homem e da mulher japonesa e na compreensão daquilo a que se costuma chamar “a alma japonesa”, ninguém jamais o igualou. Na verdade, se a alma de um homem já é algo tão difícil de ser apreendido, o que não será a alma de um povo?

Um homem como Wenceslau de Moraes, capaz de apreender e exprimir de forma extraordinária, com elegância e eloquência, a alma de um povo como o japonês, não pode deixar de ser um grande escritor. De facto, em toda a sua obra, ele consegue dar a conhecer um Japão deveras vivo e pitoresco. Não se trata de um pitoresco superficial, mas sim de um pitoresco que os próprios japoneses sentem e amam, e do qual eles próprios são, ainda hoje, os maiores admiradores.

Moraes recebia de Portugal notícias dos amigos. Escrevia quase todos os dias postais ilustrados para a sua irmã mais nova, Chica, de quem muito gostava, e enviava-lhe frequentemente pequenas lembranças, como bonecas japonesas, pois

quando nela pensava, via-a sempre como a criança de sete anos que deixara ao partir e que não tornara a ver.

De um modo geral, ele não era estimado pelos japoneses. As crianças chamavam-lhe Osoroshi (“Senhor Medonho”) ou Oji San (“Ancião”) e, às vezes, até lhe atiravam pedras. Mesmo assim, ele amava as crianças e oferecia-lhes frutos e doces; e sempre amou o Japão com o mesmo entusiasmo. Armando Martins Janeira escreveu que Moraes, «no fim da vida, desiludido, doente, amargurado, tomara consciência do seu tremendo erro. Ama o Japão ainda, como sempre, embora nalguns momentos de desespero o odeie e o maldiga, em voz baixa e só para consigo, nessas horas negras da consciência em que o homem dialoga consigo mesmo sobre a responsabilidade do destino que se escolheu.»

A experiência humana de Wenceslau de Moraes constitui hoje a grandeza da sua obra, apesar de nunca ter conseguido encontrar a felicidade duradoura. A plenitude que atingia nos seus livros devia-se a uma fusão de sentimentos de inspiração cristã e budista e à maravilhosa harmonia e sábia filosofia destas duas religiões. Na história das relações entre o Oriente e o Ocidente, esta foi a primeira vez em que um escritor ocidental foi capaz de se identificar com a cultura do Japão. Nunca os complexos laços, a difícil compreensão, a paixão e o calor humano entre um ocidental e uma japonesa haviam sido retratados com tanta verdade e naturalidade.

Mesmo depois da morte de Moraes em 1929, o povo japonês, em geral, continuava a desconhecer praticamente a sua obra escrita. Este português, vivendo em Tokushima de livre vontade e em condições extremamente difíceis, representava um enigma. Quando o Japão declarou guerra à Alemanha a 23 de Agosto de 1914, chegou mesmo a suspeitar-se que Moraes era um espião. Por isso, o povo de Tokushima receava relacionar-se com ele.

Contudo, durante a Segunda Grande Guerra, a obra de Moraes foi traduzida para japonês por razões políticas, na medida em que valorizava o orgulho, os ideais e as tradições japonesas. Mas foi só em 1967-68 que foram traduzidas para japonês as suas obras completas em cinco volumes, graças aos esforços de meu marido, Armando Martins Janeira. A tradução da obra completa no Japão leva Moraes a ser considerado a mais valiosa presença portuguesa naquele país, a seguir às Descobertas, e revela

que o povo japonês está finalmente interessado em conhecer este português que amou o Japão. Afinal, tudo cabe num grande coração – a nossa terra e a Terra inteira.

Que terra extraordinária é o Oriente onde tudo, desde as pessoas às coisas e aos sentimentos, tudo nos choca e nos surpreende, numa interrogação constante.

Janeira crê «que o Oriente nos atrai sobretudo pelo seu mistério. Não é só a tentação de transpor aquele muro invisível e real que fisicamente sentimos interposto entre nós e esse mundo impenetrável, mas a daquele imenso mar silencioso de que verdadeiramente tudo está banhado, porque o homem o não devassa nem o teme. O Oriente é a pátria do Mistério e de todas as coisas profundas. O homem aqui, em vez da atitude de procurar desnudar os segredos que o cercam, prefere conviver com o inescrutável, senti-lo intuitivamente, impregnar dele a sua vida, envolvê-lo em símbolos, em formas e em ritos. O homem oriental cultiva o mistério.»

Armando Martins Janeira era um poeta e um tanto aventureiro, fazendo lembrar Fernão Mendes Pinto. Não foi para o Oriente de caravela, mas sim num DC-8, e regressou a Portugal num Jumbo. Janeira viveu dez felizes anos no Japão e, mais do que uma vez, teve a tentação de lá ficar para sempre.

«Andei por toda a Ásia. Do fundo do Japão, da impenetrável profundidade da Ásia, vem-me ainda o sopro dum imenso poema, dum poema que abraça todos os homens ignotos. Também eu deixei pelo mundo a vida em pedaços repartida. Habitei mais anos em Tóquio que em Lisboa. O Japão está associado à minha vida interior e à maneira de ver o mundo. No Japão nasci como escritor.»

Desde jovem estudante, altura em que publicou o seu primeiro livro, ele foi tanto um romântico como um sábio, na medida das suas possibilidades. Descobriu a firmeza das suas raízes e enriqueceu a sua visão intelectual, aprofundando o seu humanismo. Tornou-se por isso mais português e, simultaneamente, universal, uma faceta mais visível, aliás, nas suas últimas obras.

Em *Figuras de Silêncio*, a sua mais sentida confissão, Armando revela que foi no Japão que passou os dias mais felizes da sua vida. Ali fez amizades queridas, ali sentiu a alegria plena num trabalho que exaltou e recompensou o seu espírito. Ali também,

mais do que em qualquer outro país estrangeiro, sentiu na alma a grandeza do povo a que pertencia e mais viva a saudade da sua serra transmontana.

«Mistério de um Povo»

«Aqui em Surabaia em Rangun em Taipei
em Katmandu em Malaca em Saporó em Kabul
em Luang Prabang em Peschauer em Lahore em Seul
por toda a Ásia caminhei
vim procurar meu luso nome
que lá fez quatro séculos deixara
Porquê não mais voltei
e fiquei
à lareira sentado
a roer de lonjura a minha fome?

Voltei agora
com a mesma sede ardente
de ver as terras novas
que fascinaram meus avós outrora
Cá encontrei pegadas indeléveis
– memórias do tempo débeis
que já esquecemos na História
Vim encontrar histórias e lendas de coragem
feitos de estarrecer
romances de amor estranho
dos gigantes de passagem
que por mistério tamanho
tão longe vieram morrer

– Ó Diogo Cão porque deixaste as tuas serras transmontanas
e foste abrir as rotas
do Zaire?
– Por que finta
e inexplicável ambição

Jorge Alvares foste à China e ao Japão
 deixando a alma e o coração
 no montanhoso teu Freixo de Espada à Cinta?
 – Fernão de Magalhães
 lá no fundo da tua recatada Sabrosa transmontana
 por que anseio profundo
 ambição qual
 por ti – ó maior dos grandes Capitães –
 o Homem quis abraçar pela primeira vez o Mundo?

São mistérios de um Povo
 mais profundos que do homem o mistério
 mistério do que é passado e do que é novo
 que a História inventa
 ninguém sabe porquê nem para quê

É o mundo essencial que sempre se renova e não se altera
 do Destino a face vera
 que no homem se cumpre e se não vê»

Excelente observador, perceptivo e irónico, dotado de uma grande consciência do dever, mas gostando não menos de fruir da vida na sua plenitude, diplomata respeitado, mas de livre pensamento, Armando Martins Janeira traçou o seu caminho com a simplicidade de um mero homem, procurando pôr em prática a sua ideia do que deveria ser o papel de Portugal no Japão.

Conheceu Wenceslau de Moraes através da leitura da sua obra, numa biblioteca do Porto, quando tinha dez anos. Moraes viveu no Japão numa época anterior à de Armando Martins Janeira. Apesar de este possuir uma natureza mais carismática do que a de Wenceslau de Moraes, havia algumas semelhanças entre os dois.

Mas enquanto que Wenceslau de Moraes tinha horror às contingências do dia-a-dia e da vida social, achando que só vivendo no ambiente restrito de uma pequena cidade de província seria possível penetrar na alma de um povo estrangeiro, Armando

Martins Janeira, pelo contrário, sempre vivera em grandes cidades, como Sydney, Bruxelas, Paris, Tóquio, Roma, Londres e Lisboa.

São memoráveis os jantares e as reuniões nas embaixadas, onde se encontravam princesas imperiais, escritores candidatos ao Prémio Nobel, bailarinos, missionários, teólogos budistas, primeiros-ministros, actores de teatro *nô*, mestres da cerimónia do chá e até uma Miss Universo. Houve quem dissesse que todas estas pessoas se compraziam na “atmosfera de um salão de cultura” como só Armando sabia criar, deixando uma aura de inspirado narrador e extraordinário conversador.

De personalidade multifacetada, o seu universalismo reflecte-se exuberantemente na vasta obra que nos deixou, com incursões no domínio do conto, do drama, da poesia, do ensaio literário, da história e da política. Relativamente à crítica literária, frisa o Dr. Daniel Pires, «são certamente dignas de menção as análises percucientes com que contemplou Camões, Bocage, Fernando Pessoa, Gil Vicente, o teatro *nô* e a literatura japonesa; porém, a quintessência da sua actividade de escritor prende-se insofismavelmente com a exegese da vida e da obra de Wenceslau de Moraes (...), um autêntico magistério que se prolongou por todo o percurso existencial de Armando Martins Janeira.»

Foi Armando que trouxe Wenceslau de Moraes de novo à sua terra, mas nunca procurou ser um segundo Moraes. A comparação incomodava-o, não porque a comparação com um grande escritor o não lisonjeasse, mas porque a sua atitude em relação ao Japão e à cultura oriental era bastante diferente. Dizia Janeira: «Quando chego a Tokushima, a minha primeira visita é sempre para ele. E toda a vez que passo ao fundo da Avenida Shimachi Bashi, digo-lhe adeus, pois, mesmo de longe, o entrevejo no seu medalhão, risonho, como um amigo que está postado à soleira da sua porta.»

O percurso destes dois homens é marcado por um encontro muito *sui generis* com o Japão, e é nesse sentido que se vêem irmanados num mesmo caminho. Como Barthes afirmava: «Viajar é encontrar.»

Wenceslau de Moraes foi transformado pela maneira de viver japonesa; Martins procurou absorver a cultura japonesa e a cultura oriental, sem deixar de ser o que era:

considerava-se um estudioso da sociologia da cultura japonesa que completava a sua cultura. Martins Janeira foi essencialmente um ocidental que procurou na cultura do Oriente aquele complemento indispensável para que um homem não fosse nem ocidental, nem oriental, mas sim um homem inteiro. Cultivava a sua humanidade, sensibilidade e inteligência, e aquela afinidade com o Oriente conduzia-o a uma harmonia com todo o Universo. E escreveu: «E que é afinal a felicidade senão mais do que Nós em harmonia com o Universo exterior?»

Quando Martins chegou ao Japão pela primeira vez, subiu o sagrado Monte Fuji e bebeu *sake* em honra dos deuses do Japão.

«É no cume do Fujiyama que habitam os velhos deuses nipónicos. O Fujiyama, a montanha mais alta do Japão, é o Olimpo da religião japonesa, sólio sagrado do xintoísmo. Só quem tenha contemplado de longe o majestoso cume, duma pureza e elegância de linhas como nenhuma outra montanha, os imensos contrafortes brancos doirados pelo sol, pode compreender o que representa o Fuji na história e na lenda do Japão e na imaginação de cada japonês. Além da sua beleza invulgar, a atracção do Fuji provém dos seus caprichos, ora exibindo magnífico a sua bela majestade, ora, logo um instante após, escondido entre nuvens, o vulto esfumado e suspenso do céu, etéreo como uma miragem. Os japoneses do campo, ainda hoje, ao vê-lo, ajoelham e erguem as mãos aos deuses. Quando o comboio passa no sopé do Fuji, é um reboiço pelas carruagens, e as velhas mulheres piedosas batem duas vezes as palmas religiosamente. Há grandes pintores que dedicam uma vida inteira a pintar exclusivamente quadros do Fuji-*san*.

Não admira, pois, que impressionado por esta aura, a minha ambição, desde que cheguei ao Japão, fosse pôr os pés no cimo da montanha sagrada.

Incitou-me ainda mais o dizer-me o professor Abranches Pinto, que tem mais anos do Japão do que Wenceslau de Moraes, que seria eu o primeiro português a subi-la.

Parti com dois companheiros, um espanhol e um inglês, num dia quente de Verão. Em todo o caminho, desde Tóquio, não conseguimos divisar o cume, oculto por nuvens espessas. Chegámos a Fuji-Yoshida, uma cidadezinha do sopé, onde existe o principal templo consagrado aos deuses que vivem na cratera da montanha, principalmente a Hime-no-Mikoto, que do céu caiu sobre a boca do vulcão em chamas.

Antigamente, antes de se empreender a subida, tinha de se ser purificado. Nós limitámo-nos a comprar um bordão de peregrino e um chapéu cónico de palha, igual

aos que usam os camponeses nos arrozais. A ascensão está dividida em dez estações, as casotas onde se pára para tomar um pouco de descanso e uma chávena de chá. Os primeiros quilómetros são transitáveis, pudemos fazê-los de jipe. Depois seguimos em cavalo até à sétima estação. Tomámos então cada um o seu bordão, que cuidadosamente fôramos gravando, nas sucessivas estações, com sinetes de ferro em brasa, e pusemo-nos valorosamente a caminhar. Estávamos a meio da montanha. O sol afogava-se nas nuvens num clarão raiado e melancólico.

Primeiro, os nossos passos eram ágeis e fáceis; mas o caminho, em estreitos ziguezagues, era muito íngreme, em cada passo tinha de se carregar com o peso inteiro do corpo. Aqui, mais perto do alto, há casas entre cada estação; era agradável sentar-se e tomar um chá consolador. Durante os três meses do Verão vive gente nestes casinhotos serranos de pedra solta, fazendo comércio de bebidas e estalagem. Pomo-nos de novo em marcha. O caminho é mais difícil, ainda mais íngreme e pedregoso. Desceu a noite e faz escuro. A certa altura perdemos o estreito carreiro e ficamos a resvalar numa moreia, nem para trás nem para diante, as nossas lâmpadas de bolso inúteis para distinguir na imensidade da montanha.

Faz um frio de gelar, mas todos transpiramos, alagados. Os gritos de outros caminhantes, por fim, orientam-nos. Estamos cansados. A nona estação parece já perto, mas ainda vamos ter uma longa hora de ascensão árdua. Ao lado do caminho encontramos um japonês exausto. Ajudamo-lo a caminhar. Ficar assim deitado dez minutos sob este frio, é certa uma pneumonia mortal. Por fim, chegamos à nona estação. Estamos todos exaustos. Ceamos uma ceia simples e serrana de *sukiyaki*, em volta da fogueira. Há umas dezoito pessoas – japoneses e dois padres italianos. A chaleira enorme fumeja, toma-se chá, contam-se histórias. As histórias que se contam em toda a parte, em roda do lume, numa noite gelada. Deitamo-nos em tarimbas. Faz frio, a cama é dura, a respiração é difícil e incómoda, com o ar rarefeito da altitude a que estamos, três mil e duzentos metros. Nenhum de nós consegue pregar olho. Às três da madrugada, tomamos chá quente e partimos.

Faz escuro. O frio corta, apesar das camisolas de alpinismo, do casaco impermeável, dos dois pares de luvas. Agora o carreiro vai cheio de gente, que se levantou toda à mesma hora para chegar ao cume ao nascer do sol. É uma longa fila de luzinhas, que lembra uma procissão de almas condenadas cumprindo a sua pena. Pequenas campainhas, que cada um leva presas ao seu bordão, espalham tinidos flébeis como vagidos na vastidão da montanha. A ascensão é mais difícil ainda. A manhã vai clareando, divisa-se já o *torii* do cume. Ao fim duma hora chegamos, no

momento em que a deusa do Sol, Amaterasu-Omi-Kami, mãe do Japão e senhora excelsa entre todas as divindades, assoma sobre um imenso manto branco de nuvens, numa glória de fogo. Observo os japoneses: todos eles estão imóveis e comovidos. Também eu me comovo, ao pensar que, duma pequena aldeia do Roboredo vim aqui, ao cume sagrado do Japão, à procura de maior comunhão com as suas tradições, a sua fé lendária, os mitos que alimentam a imaginação e o coração do seu povo. E, tomado duma exaltação que hoje me não explico, fui ao templo mais perto do céu japonês, trouxe de lá uma garrafa de *sake*, que deitei nas mãos em concha, e, fitando de frente o Sol, bebi comovido o sagrado vinho.

Na minha mente surgiu, em forma de verso japonês, o meu estado de alma naquele momento de exaltação:

Sol criador, purifica
 O meu coração. Dá-lhe a força
 Virgem da sinceridade.

No cimo do Fujiyama, ao lado do pequeno templo, que é também uma choça de pedra solta, há lojinhas de lembranças e uma estalagem de comes e bebes. A cratera, hoje extinta, é imensa, desolada, sem beleza. Toda a montanha do meio para cima, é hedionda, duma monótona pedra avermelhada, com montões de latas vazias ao lado dos carreiros. A vertente norte está coberta dum imenso cobertor de neve. Estamos a 3 850 metros de altitude. O panorama de nuvens é sublime.

Iniciamos a descida, escorregando pela terra solta das moreias. Nos carreiros, centenas de pessoas que sobem, entre elas algumas mulheres e muitos americanos. Aos *good morning* destes, respondo exuberante com uns cordiais *bons dias* em português, que, talvez por não compreenderem, deixa alguns estupefactos, e a mim enormemente divertido. Quase ao fundo, encontramos uma velhinha, toda de branco, ajudada por um rapaz, também com uma túnica de imaculada alvura. Era assim que nos velhos tempos todos os peregrinos subiam a montanha sagrada, brancos na alma e nas vestes. A velhinha pára para as nossas fotografias, sorridente e bondosa. Depois dos esforços e canseiras que acabamos de passar, podemos imaginar a força da fé daquela velhinha, que se abalança com as suas pernas pouco firmes a ir visitar o lar dos deuses das suas crenças.

Afasto-me do Fuji, cansado e desencantado, como quem dissecou até ao seio uma ilusão querida: a mentira da sua beleza, a ilusão dos seus deuses que consolam em crenças o povo japonês desde há três mil anos.

Já longe, a duas horas de estrada, um dos companheiros volta-se para trás e exclama exaltado: – O Fuji-*san* !

Paramos o automóvel para ver o cimo branco, o cone emergindo dos nimbos alvos, como suspenso, magnífico e belo, daquela beleza irreal que envolve de longe as coisas que a nossa crença ou o nosso amor doira de ilusão e de sonho.

– Vós lá sabeis porque fizestes a beleza distante e árdua, ó deuses inacessíveis!»

Quando eu e Armando Martins Janeira deixámos o Japão, fomos ambos ao templo de Ise oferecer uma dança, por uma dançarina sagrada, Miko, aos deuses do Japão. E isto aconteceu, não porque acreditássemos nos deuses do Japão, mas sim em homenagem ao povo japonês. Afinal, nessa harmonia do Universo, não serão todos os deuses um só?

No Japão, procurámos sempre seguir o caminho aberto pelos nossos antepassados que, há quatro séculos, celebravam missa e a seguir iam para a *chaseki*, a casa do chá, onde decorria então a cerimónia do chá, um autêntico ritual para os japoneses.

Wenceslau, por outro lado, era mais místico e portanto deixou-se encantar mais facilmente pelo Japão. A tragédia de Wenceslau de Moraes reside no facto de ele se ter negado a si mesmo, transformando-se para se moldar ao novo ambiente, e quando por fim se identifica com esse ambiente, a vertente humana repele-o. Não era já inteiramente português. No entanto, os japoneses também não o reconheciam como japonês.

É de assinalar que Armando Martins Janeira deixa bem evidente, na sua prolifera bibliografia, que admirava a coragem de Wenceslau de Moraes por ter arriscado a vida inteira numa experiência em busca da felicidade. Quanto a Martins, apesar da sua índole poética, nunca conheceu tragédia igual.

«A noite é longa e quente. E eu não paro de cogitar na extraordinária razão que levaria este português a abandonar o seu mundo, o afecto de familiares e amigos, o

conforto consolador de se ouvir à volta a nossa própria língua, por esta cidade provinciana e sem interesse, por este outro país, belo de lendas, de cores e de paisagens paradisíacas, tão encantador e tão estranho. Como seria duro, longe de Portugal, mortas as duas mulheres que mais amou, entre um povo estrangeiro e nem sempre amigo que hoje lhe quer bem e o celebra, e lhe chama respeitosamente *Moraes-san*, e que então lhe chamava simplesmente *ketojin-san* – “o senhor selvagem barbudo”.»

Lafcadio Hearn, contemporâneo de Moraes, também escreveu muito sobre o Japão, mas por vezes perdia-se na erudição. Coisas estranhas do espírito humano: os homens que mais situações difíceis experimentaram, depressa são esquecidos, e aqueles que se identificam com as coisas mais simples da vida são os que ficam para sempre na memória. A vida é feita de pequenas coisas e de raríssimas grandes coisas. As vidas mais felizes nem sequer têm grandes coisas. Neste universo de valores, Martins sentia-se profundamente próximo de Moraes.

Segundo Martins, o verdadeiro encanto do Japão provém «duma luz divina que parece nascer das próprias coisas, que tudo alaga e embalsama, qual música inaudível, alegria suave, perfume que enche o ar, onda de espuma ou de sorriso. É este sorrir da luz brincada que explica o constante sorriso dos japoneses – a felicidade dos homens nasce da luz do Sol.»

Como poeta, ele foi, inegavelmente, entre os escritores portugueses, um dos que melhor captou o espírito da poesia *haiku*. A maioria dos seus *haikus* é surpreendentemente bem conseguida e está à altura dos *haikus* escritos pelos melhores poetas japoneses:

«Yuki no asa
Tanoshige ni
Kotori no uta ya»

«Na manhã de neve
A alegria inesperada

Dum canto de ave»

Apesar de evocar uma emoção invernal, “neve” pode simbolizar o declínio da vida, mas este poema revela também um profundo contentamento interior e a aproximação da Primavera – a Esperança.

Armando Martins Janeira estudou a língua de Goethe por amor à arte. Dominava sete idiomas. Atraído pelas grandes religiões do Oriente e pelo cristianismo, fez um exaustivo estudo comparativo do pensamento filosófico e da influência que as suas semelhanças e diferenças tiveram nas várias culturas e civilizações, que espero publicar em breve. Este é um tema absolutamente actual, hoje ainda mais pertinente, depois dos acontecimentos de 11 de Setembro de 2001.

Armando lutou a valer, mas conseguiu o que queria. Lá está, na Universidade Nova de Lisboa, o Instituto Oriental por ele fundado.

Para além de vinte obras publicadas, uma vida a escrever para as mais diversas colunas de jornais portugueses e estrangeiros, a par de um vasto número de inéditos, Armando Martins Janeira foi um peregrino pelo mundo, não negando nunca a essência da sua alma transmontana. Percorreu mais terras asiáticas do que Fernão Mendes Pinto. Pisou pegadas heróicas deixadas por missionários e navegadores em caminhos que já não eram visitados por portugueses há bem mais de quatro séculos.

Num texto inédito, em que nos fala dos seus sentimentos face à sua primeira obra, *A Dor de Ser Homem*, escrita quando tinha 28 anos sob o pseudónimo Mar Talegre, Martins Janeira dá-nos conta precisamente das suas raízes, que nunca esqueceu, e que inspiraram todos os seus passos na peregrinação que é a própria vida:

«É este o meu primeiro livro. Reli-o agora depois de muitos anos. Releio-o primitivo, violento, ingénuo, tosco, impulsivo, como o autor quando o escreveu. Às vezes, é tão bárbaro que chega a ser brutal; tem a simplicidade íntegra de um pastor de cabras. É esta vibração da poesia da terra, o sentimento virgem das coisas fortes que nele ainda me agrada. Claro que estes são os sentimentos que o livro encerra, mas lá no fundo, em estado bruto, misturados e embaçados na linguagem tosca e

canhestra, onde umas vezes pode cintilar talvez algum clarão vívido, outras se estatelam disparates, conceitos tolos e frases rebuscadas com pretensões a inspiração verdadeira. Estou a julgar este livro como um estranho. E sinto-me na verdade estranho ao autor.

Anos passaram, corri o mundo, dei-lhe volta. Conheci o ódio dos homens e o amor das mulheres, e ao mesmo tempo que ia colhendo os ensinamentos do mundo, digerida a minha parte de dores e de prazeres, ia-me afastando do rapaz que com entusiasmo escreveu estes contos e poemas.

Mas então perguntarão porque me decido eu a publicar escritos que hoje considero maus?

A razão é simples e está no fundo de mim. Aqui tenho de permitir-me uma intimidade com o leitor. Neste livro estão as minhas raízes de homem. Sou um montanhês. O homem da terra tem raízes na terra como os castanheiros e os carvalhos. Se não fiquei preso ao chão, como as árvores e os cavadores da minha aldeia, é porque levei as minhas raízes comigo – a minha paixão pela terra, o meu amor pelos que trabalham com simplicidade e a minha humildade diante do seu pão, a minha indiferença pelos grandes, a minha independência que me teve sempre de cabeça direita ao falar aos grandes do mundo – diante de homens e de deuses.

Levei as cantigas do meu povoado e cantei-as por toda a parte, sozinho, na minha voz sem tom nem som, mas que me consolava e me refrescava a alma e o sangue.

Foi na terra que aprendi as verdades capitais. O que o mundo me ensinou depois vale menos, muito menos. E foi essa pureza íntegra e corajosa, foi essa luz que nos inspira certezas e nos põe a verdade nas mãos, inteira como um pão, que nos ilumina todos por dentro, que tive de pagar ao mundo pelo pouco que ele depois me ensinou.

Falei com imperadores e com reis, presidentes, ministros, e toda a escala do poder e da grandeza. Nunca nenhum deles me impressionou porque os medi sempre, não pela imponência dos seus cargos ou pelo oiro das suas medalhas, mas pelo valor que é o timbre real dos homens e das mulheres.

E nesse, raras vezes chegaram ao escalão que me parecia deviam medir.

Como não tenho ambições de grandeza, a grandeza dos outros nada me impressiona, nem se me impõe, a não ser aquela verdadeira grandeza humana que tenho encontrado muito mais vezes na gente humilde.

A vida é breve e a glória, que não tenho e espero nunca ter, aborreço-a. Mas é grande consolação para mim saber que em passagens deste livro primitivo e tosco uns

poucos de leitores possam encontrar aquele virgem contentamento de ser homem que nele quis exaltar quando o escrevi.

Creio são já suficientes razões para reavivar este livro, mas a razão principal é outra – é que nele pus, com um sentimento juvenil que já não tenho, o mesmo anseio de descobrir e declarar a verdade do homem que tem sido e será o ideal de todos os livros que escrever.»

O povo japonês vive o passado como nenhum outro povo, celebra a antiga arte do chá em salas com móveis ultramodernos, sem nada alterar ao ritual, e adapta a clássica arte das flores à arquitectura mais futurista. Também Martins partilhava da opinião de Pascal quando dizia que «toda a história que não é contemporânea é suspeita». E no país mais progressivo do mundo, Armando Martins procurava ensinamentos para o seu Portugal pequeno e pouco desenvolvido para a época.

Assim procurou ele reconstruir uma ponte que havia estado interrompida durante séculos, e que tinha todo o interesse em ser unida de novo para benefício dos dois países.

«Espero ter sido capaz de fazer sentir a amizade e a grandeza que os portugueses deixaram no Japão noutras eras e a viveza com que são ali hoje ainda recordados.

Amei e amo o Japão porque, no Japão, aumentei Portugal.»

Esta afirmação de Armando Martins Janeira poderia muito bem ser uma afirmação de Wenceslau de Moraes, que, embora renegando as suas origens, reconhecia o grandioso passado da sua pátria.

«Acorda, Portugal; acorda que são horas!... Acorda, Pai, que o sol já brilha muito... Acorda, toma coragem e ama o teu passado, os teus heróis, o teu Camões!...

Acorda, Portugal, acorda dorminhoco!...»